

## TRABALHOS DE PESQUISAS

**A SEXUALIDADE ADULTA: UM ESTUDO SOBRE A ATUAÇÃO DO(A) PSICÓLOGO(A). DESAFIOS E CONTRADIÇÕES***Eliany Regina Mariussi<sup>1</sup> ; Sônia Cristina Vermelho<sup>2</sup>*

ADULT SEXUALITY: A STUDY ABOUT THE PERFORMANCE OF PSYCHOLOGIST. CHALLENGES AND CONTRADICTIONS

**Resumo**

Esta pesquisa teve por objetivo analisar o tema da sexualidade na formação do psicólogo no Brasil. A pesquisa de campo ocorreu em dois momentos: primeiro, a realização de um curso de formação continuada para que o psicólogo pudesse trabalhar com as queixas de disfunções sexuais femininas dentro do seu consultório. Participaram dessa etapa cinco profissionais que atuavam em clínica. Após o curso, houve o acompanhamento delas com supervisão para auxiliar no emprego do conteúdo aprendido durante o curso, além de orientações para sanar as dificuldades que poderiam ocorrer. Ao final de dois meses de acompanhamento, elas declararam não se sentirem aptas para atender problemas sexuais. Na segunda etapa, foi realizada entrevista em profundidade com uma dessas psicólogas com a técnica "História de vida", para investigar possíveis relações entre as dificuldades encontradas na clínica e experiências durante a infância e adolescência. Os resultados nos permitiram considerar que a falta de educação sexual em casa e no âmbito escolar, somada às experiências pessoais frustradas e parceiros sem habilidades sexuais, acabou por reforçar as dificuldades e o despreparo da profissional para atuar nessa área com seus pacientes

**Palavras-chave:** educação sexual; sexualidade; disfunção sexual feminina**Abstract**

This research aimed to analyze the theme of sexuality in the formation of the psychologist in Brazil. The field research took place in two stages: first, a course on the complaints of female sexual dysfunction to work in the office. At this stage participated five professionals working in the clinic. After the course, they were supervised and guided by six months to assist in the use of content, solve doubts or difficulties. After this period, they said they did not feel able to meet sexual problems. In the second stage, interview was conducted with one of these psychologists with the technique of "Life Story", to investigate possible links between difficulties encountered in practice and their experiences during childhood and adolescence. The results allowed us to consider that sex education deficiency at home and at school, plus the frustrated personal experiences and partners without sexual abilities, reinforced the difficulties and the lack of preparation of professional about sexuality with their patients.

**Keywords:** sex education; sexuality; female sexual dysfunction

<sup>1</sup>Psicóloga, doutoranda em Psicologia, mestra em Promoção da Saúde, terapeuta sexual, terapeuta de casais, psicopedagoga, especializada em Terapia Cognitiva Comportamental e Análise do Comportamento. Autora do livro Educação sexual começa em casa. E-mail: [elianymariussi@terapiaintensivaparacasais.com.br](mailto:elianymariussi@terapiaintensivaparacasais.com.br)

<sup>2</sup>Doutora em Educação e Ciências Sociais. Professora universitária há mais de 20 anos, orientadora de mestrado e doutorado, trabalha no Centro de Ciências da Saúde, Núcleo de Tecnologia Educacional da UFRJ. E-mail: [cristina.vermelho@gmail.com](mailto:cristina.vermelho@gmail.com)

## Introdução

O presente artigo é resultado da pesquisa realizada no mestrado e que teve sua problemática definida a partir de questões surgidas ao longo do exercício da profissão de psicóloga e docente do curso de Psicologia (Unipar). Nosso objetivo foi identificar e compreender como os psicólogos clínicos vivenciam e atuam diante das queixas da sexualidade adulta, pois compreendemos que essa temática tem sido cada vez mais presente nos atendimentos clínicos.

Partiu-se do pressuposto de que a questão da sexualidade não é devidamente tratada desde a educação básica, pois os espaços escolares ainda são cheios de tabus e informações deturpadas sobre sexo e sexualidade. Esse contexto, se não for problematizado de alguma maneira com a família ou em outro espaço de socialização, acaba por dificultar uma educação sexual a contento entre os jovens e, por conseguinte, pode interferir no desenvolvimento como um todo da pessoa. Para Kahhale (2009),

(...) a leitura histórica é a real possibilidade de compreensão dos tabus que caracterizamos o assunto e também a possibilidade de desenvolvimento de versões menos preconceituosas e moralistas do assunto, sem perder, no entanto, a perspectiva de que os homens, por necessidades sociais (algumas já superadas), "inventaram" regras e formas para a sexualidade (p. 185).

Diante da história sociocultural, pode-se considerar a repressão sexual, da qual nossa sociedade foi vítima, como justificativa para os impasses quando se fala em desenvolvimento afetivo sexual. De acordo com Kahhale (2009), todavia, a sexualidade coloca o desafio de se pensar, refletir, apropriar-se dos sentimentos, bem como aceitá-los, discuti-los, debatê-los, aprender a se comportar, assumir uma postura sobre tema.

Na sociedade atual, a sexualidade está cada vez mais aflorada e as pessoas, desinibidas. Situações proporcionadas pela dança do *funk*, por exemplo, que tem passos extremamente insinuantes à prática sexual, criam situações que colocam em evidência uma sensualidade e até uma atitude pornográfica. Além de questões importantes e atuais como a diversidade sexual, identidade e disfunções sexuais, os novos arranjos familiares, a adoção por parte das novas famílias (homossexuais), e também pelas famílias de segundo, terceiro casamentos, que envolvem filhos de diferentes pais e mães, a

transexualidade, travestilidade, bebês in vitro, entre tantos outros tópicos que estão em debate atualmente e complexificam ainda mais a questão.

Entende-se que a repressão sexual é todo controle que se faz ao exercício da sexualidade, esteja ela ligada aos órgãos genitais ou não (CHAUÍ, 1990). Vive-se em uma sociedade que ainda mantém cenários e bolsões de atitude sexofóbica, na qual ainda assistimos a situações de intromissão do livre arbítrio alheio. Uma das manifestações mais organizadas é a dos homossexuais. Há décadas que a homossexualidade é tema de movimentos sociais. No livro de Kinsey (1948), sua pesquisa apontou que 10% da população mundial sofria com as repressões aos seus direitos. Era negado aos homossexuais o direito de se casar; que foi conquistado, no Brasil, a partir de 2013, quando foi promulgada a lei que permite a união estável entre pessoas do mesmo sexo. Há tempos que este sofrimento vem provocando desigualdade e dor, por não serem considerados normais e aceitos com seus direitos, como qualquer outro cidadão.

Nesses 23 anos de atuação em psicologia clínica com o foco na sexualidade, a maioria dos pacientes relatou que os pais, ao falarem sobre sexo, informavam as consequências negativas advindas do ato sexual, como gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis, abusos sexuais, entre outros. Os relatos colocavam em evidência a necessidade de criar mecanismos de defesa do sexo, e, com isso, mostravam que na vida dessas pessoas não se falava da sexualidade como um todo, apenas dos aspectos negativos.

Na formação superior, sabe-se que a psicologia se propõe a trabalhar o comportamento humano. Porém, durante o período de formação universitária, o suporte teórico acadêmico, necessário para que o psicólogo tenha conhecimento mais amplo e detalhado da sexualidade humana, parece não ser suficiente para fornecer apoio para o futuro profissional.

Em pesquisa realizada por Dias (2001), após a análise do currículo pleno de 60 cursos de graduação em psicologia da região Sudeste do país, foi possível observar a existência de um número de disciplinas que privilegiam, em primeiro lugar, a visão psicanalítica, em segundo a humanista, e em terceiro a comportamentalista. Ainda de acordo com o autor, é marcante a ênfase no estudo do indivíduo como ser isolado de seu contexto sociocultural, uma vez que o número de disciplinas que tratariam deste tema foi inexpressivo. Em apenas um dos currículos pesquisados estava presente o estudo da sexualidade humana.

Dias (2001), como supervisor da área clínica, identificou que um dos entraves para uma formação mais densa sobre o tema estava ligado aos próprios acadêmicos supervisionados, que desqualificavam o discurso relacionado à sexualidade. O autor também observou, por meio de diversos relatos de profissionais da psicologia que ignoravam queixas com demanda sexual em seus atendimentos. Em geral, eles contornavam os assuntos, minimizando a importância do que trazia o paciente ou até mesmo maximizando assuntos que em princípio, para o paciente, não tinha tanta importância, tudo isso para justificarem para si mesmos a não preparação para atender essas queixas. Tais aspectos nos levaram a pensar que a insuficiência dessa temática na formação superior, além dos tabus em torno da sexualidade do profissional da psicologia mesmo após sua formação profissional, pode dificultar o trabalho do psicólogo dentro do consultório. Não tendo preparação que lhe dê suporte em termos de conhecimento e entendimento sobre a sexualidade humana, ele provavelmente terá maior dificuldade para atender seu paciente no que tange as queixas sexuais.

Dias (2001) informa ainda que esse perfil de formação é percebido desde o estágio curricular em clínica, haja vista relatos de situações em que os estagiários desqualificaram o discurso dos pacientes nas ocasiões em que as experiências deles estavam além daquilo abordado nas teorias em sala de aula, sobretudo os conteúdos ligados à sexualidade. Diante dessas constatações, observa-se que sugere-se vulnerável a capacidade real dos profissionais da psicologia em trabalhar com os pacientes que estão em sofrimento, com queixas de ordem sexual, uma vez que os pacientes ouvem e levam em consideração as colocações dos(as) psicólogos(as). Consideramos que um dos aspectos que amplificam o problema é a falta de disciplinas com conteúdo programático ligado à sexualidade, pois isso acarreta fragilidade na formação desses profissionais que se propõem a trabalhar com a vida íntima de seu paciente.

Diante desse contexto, esta pesquisa propôs-se a analisar aspectos da atuação do profissional de psicologia clínica em relação ao atendimento de casos envolvendo sexualidade, com o objetivo de compreender melhor os aspectos críticos em torno dessa prática.

### Fundamentação teórica

Para Picazio (1998), a relação do ser humano com o mundo inclui um processo de apropriação,

reflexão e expressão de aprendizagens dos sentimentos e desejos. Entendemos que a educação sexual faz parte da educação integral de um aluno, portanto, é importante sua inclusão na educação básica, pois é a escola que recebe sujeitos em plena fase de desenvolvimento físico, intelectual, social, espiritual e psicológico. Nascemos com um sexo biológico. Todo o resto se constrói e vai se formando ao longo da vida (FACHINNI; SIMÕES, 2006, p. 163).

Casos envolvendo problemas de ordem sexual foram temas de várias pesquisas. No caso da mulher, Abdo (2004) encontrou resultados que mostraram que a resposta sexual é considerada baixa: 30% sofrem com problemas sexuais. Diante de uma avaliação mais específica sobre a vivência sexual dessas mulheres, foram percebidos muitos traumas, experiências negativas, medos, mitos, credences, problemas emocionais que atrapalhavam a sexualidade. São problemas advindos basicamente de uma educação sexual inadequada, deturpada, da não conversação sobre o assunto de forma legitimadora, da falta de liberdade até mesmo para se pensar no sexo – que é algo fundamental para a boa vivência da sexualidade –, do não conhecimento e não exploração do próprio corpo.

Para Bruns (2011), na vida pregressa está a importância singular de cada família em relação à erotização e à impressão criada e recriada pela sociedade no decorrer da história. Segundo a autora,

(...) o corpo é o habitat do erotismo, a força transgressora que triunfa sobre as interdições, valores, preconceitos, estigmas e tabus de cada sociedade. Visto ora pela perspectiva do sagrado, ora pela do profanado, ou ainda do interpretado, o corpo sempre esteve “capturado” pelos modismos de cada época, em consonância com as normas de cada sociedade (p. 70).

As manifestações sexuais inicialmente mais comuns são as curiosidades pessoais, a descoberta do corpo, o toque, a masturbação, as falas, as piadas, as brincadeiras, as músicas compostas por muitas palavras relacionadas com a sexualidade e que desperta o desejo. Após a vivência desta etapa inicial, os interesses continuam emergindo, mas agora são curiosidades, normalmente com alguma intenção implícita. Como relacionar-se com o outro sexo, como beijar, os carinhos, as carícias como fazê-las, o que falar na hora do ato sexual, quais são as posições, o que dá mais prazer, são questões que permeiam o cérebro do indivíduo. Após algumas experiências vivenciadas, os interesses apare-

cem em virtude das respostas sexuais, ou seja, a reação do físico e do emocional do indivíduo ao relacionar-se sexualmente<sup>3</sup>. Neste sentido, concordamos com Maia et al. (2012, p. 151) quando afirmam que “O trabalho de educação sexual formal é fundamental para romper ideias cristalizadas e construídas na sociedade.”

Segundo o Conselho Federal de Psicologia, do Ministério do Trabalho, o psicólogo é o profissional que procede ao estudo e à análise dos processos intrapessoais e das relações interpessoais, possibilitando a compreensão do comportamento humano individual e de grupo, no âmbito das instituições de várias naturezas, onde quer que se deem essas relações. Aplica conhecimento teórico e técnico da psicologia, com o objetivo de identificar e intervir nos fatores determinantes das ações e dos sujeitos, em sua história pessoal, familiar e social, vinculando-as também a condições políticas, históricas e culturais (CFP, 2013). Neste parágrafo está implícita e explícita a sexualidade da pessoa.

No entanto, falando da necessidade de disciplinas com conteúdo sobre a sexualidade na formação de profissionais da psicologia, essa premissa não tem a pretensão de invadir a intimidade do aluno, nem tomar o espaço da família na formação da personalidade e identidade (MARIUSSI, 2010), mas dar continuidade a esse processo formativo, dentro do espaço que se responsabiliza pela formação de um profissional que responderá por esta dimensão afetiva sexual, considerando o contexto sociocultural em que vivemos.

Estamos em um momento social, no Brasil, no qual as questões que envolvem as sexualidades estão evidentes, pode-se dizer que estamos passando por uma verdadeira revolução sexual. Dúvidas em relação ao ser feminino, masculino, gêneros, homossexualidade, transexualidade, explorações e abusos sexuais, posições contraditórias das igrejas, uma verdadeira falta de referências e de valores embasados na realidade sociocultural.

A ordem dos fatos em nossa sociedade está revelando uma contradição na prática do profissional da psicologia diante do tema sexualidade.

Dias (2001) elenca algumas questões que fazem parte da preocupação dos estudantes dos

primeiro e segundo anos de psicologia, dentre elas estão os conflitos relativos à prática da vida sexual e à identidade sexual, no sentido de que o psicólogo, além de profissional, é também um ser que busca compreender a si mesmo, assim como os pacientes, e também sofreram os impactos da exclusão acerca do conhecimento que deveriam ter de si.

Pensar na formação de um profissional da psicologia é pensar em muitos desafios e, ao mesmo tempo, parar para refletir sobre “os conhecimentos” presentes nessa formação. Na maioria das vezes os jovens estudantes não são e não se sentem contemplados em suas “angústias” (PIÉRON, 1987) por “Mal-estar, ao mesmo tempo psíquico e físico, caracterizado por temor difuso, podendo ir da inquietação ao pânico”, o que acaba influenciando na qualidade do estudo. A atenção que deveria estar na aula, foge para outros lugares, e, por conseguinte, não mantém a concentração naquilo que está sendo ensinado em sala de aula.

Ao analisar os currículos do curso de psicologia, verificou-se que foram estruturados visando garantir melhor preparação aos futuros psicólogos, mas ainda não é suficiente para assegurar uma formação isenta de críticas (DIAS, 2001). Segundo Silva (2005), a elaboração dos currículos dos cursos de psicologia objetiva o conhecimento, não levando em consideração também um de seus principais beneficiários, o estudante, que passa por constantes mudanças psicológicas, fisiológicas e pela construção da sua identidade.

Ainda há preconceitos em relação ao tema sexualidade. Segundo Mariussi (2010) é observável que quando se fala em sexualidade ocorre uma ancoragem imediata ao termo sexo. Apesar de os dois termos estarem atrelados, é importante destacar que sexualidade é todo o contexto que envolve o sexo, ou é tudo aquilo que envolve sentimentos, pensamentos e ações: o que necessariamente envolve todos os sentidos, ou seja, o ver, o ouvir, o cheirar, o degustar e o sentir (tato). Quando se fala em sexo, restringe-se, na maioria das vezes, ao genital propriamente dito, à questão de gêneros, do ser macho e fêmea. Pelo fato de os termos se aproximarem, geralmente ocorrem distorções dos conceitos por parte das pessoas, que não costumam buscar mais informações sobre o assunto, reduzindo-se o todo sexual apenas ao sexo (genital). É cer-

<sup>3</sup>Pode-se afirmar que há, hoje, material bibliográfico que pode dar suporte quando o tema é educação sexual. São muitos os livros na área que podem nortear pensamentos e comportamentos de maneira adequada. No entanto, como qualquer área, é necessária a dedicação e a busca de novos conhecimentos e entendimentos.



to que ambos fazem parte de nossas vidas, mas nos levam a trilhar caminhos diferentes (idem).

## Método

Essas preocupações nos levaram a organizar uma pesquisa para compreender com mais propriedade a problemática em torno da atuação do psicólogo clínico. A opção das pesquisadoras foi pela pesquisa qualitativa. Como problema de pesquisa, foi recortado o tema da sexualidade em torno da pergunta: "quais são as dificuldades do psicólogo clínico para trabalhar com as queixas de disfunções sexuais femininas nos seus atendimentos?" Em torno desse questionamento, partiu-se da hipótese de que a falta de uma formação específica e direcionada levaria esses profissionais a negligenciar situações em que a sexualidade surgisse em suas práticas clínicas.

Com base nessa hipótese, foi estabelecida uma proposta de intervenção cuja referência metodológica se alinha com a Pesquisa Participante (ANGROSINO, 2009), para um grupo de psicólogas por meio de um curso sobre sexo e sexualidade. Tal estratégia foi proposta para que pudéssemos analisar posteriormente se esta formação daria melhores condições para a atuação da profissional nos impasses sobre o tema sexualidade nos consultórios.

Após a realização do curso, as psicólogas foram supervisionadas por um período de dois meses. Nesse período, foi sintomático o fato de nenhuma delas ter buscado auxílio da supervisão, o que nos motivou à segunda etapa da pesquisa: convidar os sujeitos que participaram da primeira etapa para aprofundar a relação entre as dificuldades do profissional em tratar das questões relacionadas às disfunções sexuais e a sua própria história de vida. Na segunda etapa utilizamos a técnica de história de vida e somente um profissional aceitou participar das entrevistas.

## Resultados

Na primeira etapa, na entrevista final, as dez profissionais que realizaram o curso declararam que, mesmo após participar de um processo de formação continuada, ainda assim não se sentiram aptas para atender problemas sexuais; mostraram-se inseguras para o emprego do conhecimento em suas práticas clínicas. Para avaliar os resultados da primeira fase foram feitas entrevistas não-estruturadas com todas as dez participantes do curso. As entrevistas foram gravadas e realizada análise de conteúdo seguindo a metodologia proposta por

Bardin (1997).

Na segunda etapa, a entrevista em profundidade por meio da técnica de história de vida nos trouxe alguns aspectos interessantes. Essas entrevistas foram gravadas e alguns dados corporais e gestuais foram anotados pela entrevistadora. Para resguardar a identidade vamos chamar de S<sup>1</sup> a profissional que nos contou sobre sua vida e possibilitou compreender a problemática da pesquisa.

Dentro da casa de S<sup>1</sup>, desde pequena (aos três anos, pelo que ela se lembra), a sexualidade sempre existiu, os pais se relacionavam afetivamente na frente dos filhos, deixavam se perceberem como adultos dotados da dimensão afetiva e sexual. Mas em contrapartida, a sexualidade que era explícita pelos pais era algo de que os filhos não participavam de nenhuma forma, ou seja, nem mesmo podiam perguntar sobre, era algo entre adultos apenas, os filhos não tinham nenhuma liberdade para perguntar sobre o assunto pois os pais não permitiam, consideravam falta de respeito e intromissão dos filhos caso perguntassem. Segundo Mariussi (2010), a informação através do diálogo desfaz a ignorância e ajuda a desfazer noções deturpadas sobre o assunto; a grande dificuldade dos adultos para falar sobre a sexualidade vem do fato de não terem recebido educação sexual. Na casa de S<sup>1</sup>, quando a porta do quarto se fechava, ficava claro que era algo somente entre os pais e nunca foi dito o porquê. A troca de carinho entre os pais na presença dos filhos (com bom senso, é claro), ou seja, beijos, abraços, palavras carinhosas, andar de mãos dadas, o respeito no dia a dia, possibilitam atitudes positivas no futuro dos filhos, com mais autoconfiança e escolhas de parceiros com comportamentos mais saudáveis em relação à sexualidade.

Interessante observar que S<sup>1</sup> não se lembra dos fatos quando ficou nua aos três anos com um amiguinho, pois não havia o diálogo dentro da sua casa, a conversação sobre a sexualidade para dar o entendimento, alicerçar melhor as condições dos fatos que aconteciam ao redor de S<sup>1</sup>, ela apenas imaginava, o que é mais passível de esquecimento, pois não tinha modelos e nem falas explicativas, o que seria adequado para a idade: saber que a sexualidade existe. S<sup>1</sup> teve a oportunidade de ver o sexo oposto nu, "abastecendo" a sua curiosidade sobre as diferenças do outro sexo. Ao mesmo tempo, tal episódio chocou S<sup>1</sup>, pois foi uma situação aberta para pessoas envolvendo-a, o choque sugere também o causador do esquecimento, que funcionou como defesa, pois ainda estava imatura para lidar com situações de exposição, o que gera

muita vergonha, culpa e medo.

S<sup>1</sup> tinha em torno de cinco ou seis anos de idade quando viu, muitas vezes, cenas de sexo entre os pais, mas não entendia o que era aquilo, pois não tinha entendimento suficiente para compreender o que era sexo. Trata-se de uma contradição, pois se os pais faziam na presença dos filhos, mesmo que eles estivessem dormindo, fica implícito de que é algo “permitido”, mas sem a compreensão necessária para aquele ato sexual, gerava medo e incertezas, depois de adulta, acerca das próprias vivências sexuais. O ato sexual visto pela criança, quando sem informações, na maioria das vezes, é entendido como algo que machuca, em função dos movimentos do corpo, pelo fato de estarem um sobre o outro, pelos gemidos e suspiros mais profundos, o que é diferente do modo de as pessoas se expressarem no dia a dia.

Nas passagens em que S<sup>1</sup> levantou sobre o sexo entre seus pais, ficou claro que existia muita proibição sobre o assunto, como ela verbalizou “apesar de toda exposição, um assunto que não se falava”, não podendo existir clareza nos fatos, permitindo a fantasia tomar conta das indagações pessoais de cada criança envolvida. Para exemplificar, segundo S<sup>1</sup>, em um momento que estava dentro do carro com os irmãos e seus pais e ela perguntou diretamente para os pais como era “ficar pelados”, uma vez que esta terminologia era comum a todos ali, recebeu uma reprovação dos mesmos, deixando claro que naquele assunto criança não deveria tocar.

Mais uma vez apareceu uma grande contradição vinda por parte dos pais: a filha S<sup>1</sup> não podia “se permitir” com seu namorado, mas o filho homem podia, e era incentivado a vivenciar a sexualidade com uma garota da mesma idade de S<sup>1</sup>, e toda essa situação se passava dentro de casa. S<sup>1</sup> viveu em contato com essa realidade contraditória por muitos anos. Segundo Figueiró (2006, p. 107), uma mulher que vive em uma cultura marcada pela desigualdade sexual e pelo duplo padrão de moral sexual, não há condições para viver plenamente sua sexualidade.

S<sup>1</sup> foi abusada, ela lembrou-se que um homem vizinho passou a mão na sua vulva e, naquele momento, ela interrompeu o que fazia (visitando um cachorro, conforme o convite feito por ele), pois se incomodou com a atitude do vizinho. Segundo relatório da Unesco

sobre violência com crianças e adolescentes:

(...) o comportamento dos pedófilos varia de um exibicionismo sem contato físico até atos de penetração, visando ou não as zonas sexuais. Para alcançar seus objetivos, usam diferentes meios, bem como diferentes graus de coerção (UNESCO, 1999, p. 15).

S<sup>1</sup>, quando indagada na primeira etapa da pesquisa, não relatou que havia sido abusada. Neste momento, S<sup>1</sup> nos mostra que já estava instalado um medo, pois ela se negou a dar continuidade no que tanto tinha vontade de fazer (ver o cachorro) e só quando sua irmã, abusada pelo mesmo vizinho, contou o ocorrido à sua mãe, que S<sup>1</sup> fez o mesmo. Importante notar que se encoraja a partir do encorajamento da sua irmã. Todo um esquema de culpa e pecado aparece neste momento, S<sup>1</sup> diz: “o pedófilo foi embora fugido de lá”.

Outra situação é o abuso por parte do avô, que as tias choravam toda vez que contavam as histórias, mas que a mãe de S<sup>1</sup> negou sempre, nos mostra a negação da sexualidade, o adulto abusa da criança, explora sua ingenuidade se utilizando da autoridade de pai e a criança não é esclarecida, não se tem detalhes sobre os acontecidos, pois a mãe se nega a falar do assunto, como se fosse uma inverdade inventada por suas irmãs. É importante resgatar as pesquisas sobre violência contra crianças e adolescentes quando nos ilustram que

(...) além da necessidade de sobreviver, outras causas facilitam ou pressionam meninas e adolescentes a se deixarem explorar sexualmente. Os estudos indicam que conflitos familiares, negligência e punições físicas levam-nas a sentir medo ou raiva permanente dos adultos. Incesto e abuso sexual nos primeiros anos de vida eliminam a auto estima da criança, que não se sente mais com direito de ser protegida nem com valor como ser humano. (UNESCO, 1999, p. 26).

Aparece aqui todo o repúdio, o medo, pois a recusa em falar da mãe de S<sup>1</sup> é clara e o choro das tias mostra que, neste caso, muito mais a dor, o medo, a culpa, o ódio são evidenciados em resposta aos abusos sofridos. O não entendimento por parte de S<sup>1</sup>, o sentir-se desprotegida e mais uma vez a mãe dando continuidade à sua expressão sexual, que é negar com palavras os fatos frustrados ocorridos dentro de casa sentidos como ofensa, dor e pecado, podem justificar suas angústias apresentadas nas entrevistas.

Em sua primeira experiência sexual com um homem sentiu dor física, mesmo apaixonada, havia tantos “nãos” na cabeça que não conseguiu se liberar no ato, não conseguiu uma entrega total na relação. Não estava preparada para sexo, sua dor física sentida inicialmente mostra que é proporcionada pelo estado psicológico, conseqüentemente dispareunia, a penetração se tornou muito difícil gerando um atrito maior, provocando dor na relação, comprometendo o prazer, conseqüentemente o entendimento do que é uma relação sexual, ao iniciar sua vida sexual.

O namoro de S<sup>1</sup>, que se tornou seu casamento, mostrou a falta de habilidades do parceiro, que faz com que ela continuasse a sentir dores durante a relação sexual. A vida sexual atual depende de vivências e experiências amorosas passadas, para que se possa permitir um envolvimento maior de entrega, principalmente para a mulher, é necessário todo o carinho possível, envolvendo os órgãos dos sentidos, ouvir coisa positivas, o tato tem que transmitir carinho e atenção, de alguma forma que o sentido da gustação seja ativado, que a pessoa e também o ambiente agrade aos olhos, pois a visão é outro sentido fundamental, assim como o olfato, para a construção do prazer. Tudo aquilo que se viu, ouviu e vivenciou de alguma forma se expressa também no momento do ato sexual.

(...) cada um de nós construiu ao longo da vida uma história singular de interações sexuais que condicionou nossos desejos; criou medos, inseguranças, crenças e esperanças; e depositou camadas de culpa e vergonha. Todos esses fatores inconscientemente moldam nossos desejos sexuais e determina nosso comportamento (CONRAD, 2002, p. 44).

O indivíduo é um receptáculo de tudo o que já viveu, o que foi vivido tem sua importância e trará influências para sua vivência sexual atual,

(...) quando nossas associações com sexo se mostram negativas ou desconfortáveis de alguma forma – porque fomos ensinados a sentir vergonha de ter desejos sexuais, porque fomos magoados ou humilhados em encontros sexuais passados, porque internalizamos imagens da mídia que nos levam a nos sentir pouco naturais em relação a nosso corpo ou até a abominá-lo, o sexo, que poderia ser prazeroso e dar sustento à nossa vida, torna-se problemático e insatisfatório (idem, p. 45).

S<sup>1</sup> expressou que seus pais controlavam bastante sua vida afetiva com os namorados, ela não podia fazer nada, e presenciava ocorrer o mesmo com sua irmã. S<sup>1</sup> em vários momentos disse que sua “mãe era controladora”.

S<sup>1</sup> relatou que sobre o assunto masturbação nunca foi falado, o autoconhecer-se, o tocar-se para daí aparecer sensações fisiológicas não foi experimentado. Na fase de desenvolvimento, por volta de 10 a 16 anos de idade, a exploração pessoal é indicada para as autodescobertas. Segundo Lins (2010),

A masturbação na adolescência é vista pelos sexólogos como uma prática fundamental para a satisfação sexual na vida adulta, por permitir um autoconhecimento do corpo, do prazer e das emoções. As adolescentes femininas que se iniciam na masturbação também apresentam o orgasmo clitoridiano, sendo isso um sinal de evolução sexual sadia (p. 365).

Para S<sup>1</sup> a sexualidade inicialmente teve a conotação do “par”, ou seja, era sinônimo de estar com alguém, apenas. S<sup>1</sup> não teve certeza do que era ter prazer até os 30 anos, que pelos seus relatos nos mostra que faltava informações adequadas para isso, explicações mais apropriadas para sua idade, com palavras de seu conhecimento pessoal.

Segundo Mariussi (2010), quando o adulto não verbaliza o que está acontecendo “é um desrespeito à criança, é uma negação do assunto”, o que vai permitir uma interpretação que pode não ser o melhor para a situação, no caso de S<sup>1</sup> os pais não falavam sua linguagem. Foram negadas explicações para seu entendimento sobre a sexualidade, como quando ela fez a pergunta diretamente (quando estavam no carro). O que resume tudo na falta de educação sexual dos pais e, por consequência, também na da sua filha, gerando consequências depois de adulta, ao não conseguir satisfação sexual porque não estava liberada pelos seus sentimentos, não teve entendimento suficiente nem liberdade para vivenciá-los em idade em que apareciam em episódios menores.

Outra questão importante a salientar é sobre seu parceiro com “ejaculação rápida”, o que não oferece tempo para S<sup>1</sup> conseguir se soltar e curtir o prazer, como ela relata, que quando via o esposo já ‘tinha ido’, e ela sobrava. SOARES (2001) diz que, para a progressão do estímulo erotizante na mulher,

(...) se faz de uma forma muito mais lenta do que no homem. Exige muito mais tempo. Não adianta ir entrando de sola, como as bestas na estrebaria. Há necessidade de que o cavalheiro a estimule por todos os meios de sua competência, seja com apaixonados beijos na boca, no pescoço, nos ombros, tórax, seios, abdome, costas e genitais, principalmente no clitóris, seja coma a estimulação tátil com os dedos neste último, à maneira de como ela gosta de se masturbar (é preciso indagar dela quais as suas preferências de pressão e rapidez de movimentos), acariciar-lhe com sofreguidão todo o corpo, longamente, deixá-la sentir a sua respiração arfante junto aos ouvidos dela, morder-lhe as orelhas, afagar-lhe carinhosamente os seios, as nádegas e os genitais. E tudo mais que lhe possa parecer conveniente para levá-la às alturas. A penetração só deve ter início quando o varão perceber que sua parceira já está pra lá de Marrakesh e pronta para recebê-lo, tão sedenta disso quanto alguém perdido no meio do Saara, ao sol do meio-dia (p. 153).

O casal jovem não tinha compreensão sobre como lidar com a ejaculação rápida, quando acontecia ficavam irritados, ela se frustrava; o que configurou que seu prazer sexual mais uma vez fora negado, assim como os pais faziam: a impediam de vivenciar o prazer.

Quando seu esposo assiste filme pornográfico e quer que ela assista também, aparece uma rejeição por parte dela, pois é difícil vivenciar a sexualidade de forma mais ousada quando tudo está se voltando para a maternidade. Naquele momento ela estava sendo explorada de uma forma que não podia acompanhar em função das questões psicológicas que não permitiam enxergar prazer sexual na mesma intensidade que o marido mostrava desejar. A pornografia é algo muito explícita, forte para mulheres de uma cultura na qual o sexo é visto como pecado. Nos filmes pornográficos os corpos são explorados de forma a abstrair apenas prazer sexual, na maioria das vezes sem afetividade nenhuma, apenas o lado animal se pronunciando de forma mais exaustiva. Ao recusar-se a ver os filmes, S<sup>1</sup> tem um comportamento respeitoso a si mesma, mas posteriormente sente culpa por não acompanhar o esposo.

S<sup>1</sup> demonstrou possuir um sentimento persecutório com relação às filhas, ela relatou ter medo de que as meninas os vissem tendo relações, assim como aconteceu na sua infância. Ela tinha relações pensando nas filhas, na possibilidade de que elas pudessem acordar e

ouvir ou ver alguma coisa, e assim não se sentia à vontade, não tinha uma entrega total no ato.

A traição do marido com amigas e outras mulheres pela internet também abalou muito a autoestima de S<sup>1</sup>, fazendo com que ela, como mulher, se sentisse diminuída.

S<sup>1</sup> relatou que se sentia problemática sexualmente por não sentir o prazer discursado pelas amigas; as cenas dos filmes pornográficos eram muito diferentes das suas relações e também por aquilo que ela percebia que o marido esperava. Disse que se sentia uma mulher assexuada. S<sup>1</sup> teve muitas experiências negativas com relação ao sexo, o que a tornou uma mulher com pouco desejos sexuais, sem fantasias. Segundo Soares (2001),

(...) as fantasias aumentam a excitação durante o sexo, criar fantasias deve ser uma propriedade exclusiva do homem na natureza, pois fazer amor, para ele não é, tão somente, um ato fisiológico destinado à procriação, exige criatividade, bom senso, diversificação no proceder, a fim de se alcançar uma bela performance a cada dia e fugir à mesmice e ao tédio (p.159).

Quando S<sup>1</sup> ficou sabendo da compulsão sexual ('vício', por ela verbalizado) do marido pelo material disponível na internet, se sentiu aliviada, entendendo que não só ela tinha um problema sexual, ou seja, o marido também tem sua parcela de contribuição nesse desarranjo conjugal. Mesmo com a separação do casal, S<sup>1</sup> diz que passou a se sentir melhor na questão sexual.

Depois que iniciou a prática da masturbação, S<sup>1</sup> passou a conseguir prazer nas relações sexuais mais e a reconhecer a falta que fazia o autoconhecimento para ter relações sexuais mais satisfatórias com o parceiro. Passa a perceber também que a sexualidade tem como base a afetividade, o cuidado um com o outro, a troca de carinhos no relacionamento enquanto casada. S<sup>1</sup> finaliza sua fala dizendo que foi extremamente importante para si o fato de ter passado a se masturbar, se sentia muito insegura enquanto mulher, mas a partir do momento em que passou a ter atividades sexuais mais satisfatórias com o ex-marido, começou a ter um referencial melhor de si própria.

Depois do divórcio, S<sup>1</sup> voltou para a casa dos pais e eles continuaram a ter o mesmo comportamento controlador e repressor de quando era uma adolescente, segundo ela. Ela não retomou sua vida social, pois ficou em função dos cuidados das filhas. Tem saído apenas para encontros sexu-



ais com o ex-marido, mesmo percebendo que volta com ele não seria a melhor alternativa.

Atualmente S<sup>1</sup> tem sonhado com orgasmos, consegue senti-los nos sonhos, aproveita o momento e passa a se estimular sexualmente. S<sup>1</sup> passou a ter uma vida sexual consigo mesma, a ter liberdade de se tocar e conhecer cada vez mais, o que aumenta o repertório de fantasias e desejos sexuais e melhora o desempenho sexual, se livrando da disfunção sexual anafrodisia (falta de desejo sexual), que apresentava. A anafrodisia, segundo Soares (2001), tem sua origem em causas como o vaginismo, dispareunia, falta de afinidade mental e amorosa com o parceiro, repúdio e nojo, formação de uma personalidade psicológica negativa construída em família, preceitos religiosos irreais e primitivos, experiências anteriores mal sucedidas, traumas de infância e psicopatias hereditárias ou adquiridas.

S<sup>1</sup> parou de atender casos clínicos por julgar que não estava bem em função dos trâmites do divórcio. S<sup>1</sup> se mostra ainda muito insegura como mulher, está vivendo na dependência dos pais e da ajuda do ex-marido.

## Discussão

Para sintetizar esta discussão, pode-se dizer que a sexualidade encontra formas de se constituir nos espaços em que os sujeitos interagem. Por ser uma construção social e cultural, torna-se fundamental a compreensão dos aspectos críticos em relação à formação plena do sujeito que acontecem na atualidade, nesses vários lugares. Esse reconhecimento poderá ser bastante útil para a atuação dos profissionais da psicologia e da educação na formação das gerações futuras.

Diante da história de vida de S<sup>1</sup>, nota-se uma hipertrofia no que tange a liberdade para a vivência da sexualidade, assim como demais indivíduos que nada ouviram ou viram dos seus pais sobre o assunto.

Foi possível verificar o quanto o silêncio, a falta de diálogo com relação a vivências sexuais interfere no processo de formação de uma pessoa, causando sofrimento psicológico e o exercício da sexualidade não satisfatório.

Neste sentido, esta investigação nos trouxe a possibilidade de considerar algumas questões em relação ao tema sexualidade e a atuação profissional.

Podemos reforçar a compreensão que a falta de educação sexual em casa, feita pelos pais, é um fator crítico na formação da sexualidade posterior-

mente na vida adulta; também a falta de educação sexual no âmbito escolar, que poderia suprir parte das lacunas deixadas na família, foi bastante precária com o sujeito pesquisado. Esses aspectos, somado às experiências pessoais frustradas e parceiros sem habilidades sexuais acabaram por reforçar o despreparo da profissional da psicologia para atuar com o tema na prática clínica.

Defendemos uma condição mais favorável para o processo de formação do psicólogo; é importante haver espaços nos quais se possam abordar as curiosidades e ansiedades, incluindo as dimensões afetivas, sociais e culturais de um processo formativo do sujeito e do profissional da psicologia, pois a "(...) psicologia como a ciência que tem como objeto de estudo, a subjetividade, (...) a psicologia clínica tornou-se o lugar eleito por excelência para "cuidar" da subjetividade" (SOUZA, 2007).

No entanto, falando da formação de profissionais da psicologia, essa premissa não tem a pretensão de invadir a intimidade do aluno, nem tomar o espaço da família na formação da personalidade e identidade (MARIUSSI, 2010). Propõe dar continuidade a esse processo formativo, dentro do espaço que se responsabiliza pela formação de um profissional que responderá por esta dimensão afetiva sexual, considerando o contexto sociocultural em que vivemos.

Diante dessas fragmentações da profissão, compreende-se a existência dos inúmeros cursos de especialização em sexualidade no Brasil, que se constitui um dos caminhos para a busca de conhecimento e da compreensão da sexualidade humana. Isso se estabelece como continuação à formação do psicólogo quando, na verdade, deveria fazer parte da formação profissional durante a graduação.

## Conclusão

Concluimos que a falta de educação sexual formal somada às experiências pessoais frustradas, como parceiros sem habilidades sexuais, reforçam o despreparo dos profissionais da psicologia a atuarem de forma mais direta neste assunto.

Concluimos ainda que a vida pessoal está intimamente ligada ao exercício da profissão. Podemos reforçar a compreensão de que a falta de educação sexual em casa feita pelos pais é um fator crítico na formação da sexualidade, posteriormente também na vida adulta; a falta de educação sexual no âmbito escolar, que poderia suprir parte das lacunas deixadas na família, foi bastante precária com o sujeito pesquisado.

Esta pesquisa nos levou a indagar acerca das constantes mudanças e transformações no meio em relação à sexualidade do adulto – o amor e o sexo virtual, os novos arranjos familiares (dois pais ou duas mães, filhos de relacionamentos anteriores ou adotados), modificações nas relações de gênero e muitas outras situações construídas –, ao se falar em orientação sexual deve-se, primeiro, observar a necessidade de orientar/educar o adulto.

O resultado desta pesquisa problematizou nossa hipótese, de que mais informações e trabalhos mais específicos para a formação do psicólogo poderia trazer melhores condições para seu trabalho, defendido por esta investigação, ainda que não tivéssemos a pretensão de abarcar a sexualidade na sua plenitude, mesmo porque existe uma singularidade nos comportamentos e diferentes meios em que os sujeitos vivem em relação à área da sexualidade.

## Referências

- ABDO, C. H. N. *Vida sexual do brasileiro* (EVSB). São Paulo: Bregantini, 2004.
- ANGROSINO, M. *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Artmed, 2009. Coleção Pesquisa Qualitativa/coordenada por Uwe Flick.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa, PT: edições 70, 1997.
- BRUNS, M.A.T. Psicoterapeutas iniciantes: os desafios das diversidades afetivo-sexuais. *Revista Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v.63, n.1, p. 64-74, 2011.
- CHAUÍ, M. *Repressão sexual: Essa nossa (des)conhecida*. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- CFP. Conselho Federal de Psicologia. *Atribuições profissionais do psicólogo no Brasil*. Disponível em: <<http://site.cfp.org.br>>. Acesso em: 18 maio 2013.
- CONRAD, S.; MILBURN, M. *Inteligência sexual*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002
- DIAS, C. A. Considerações sobre elaboração de currículos para formação de psicólogos: a partir de uma perspectiva didática. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 21, n. 3, p. 36-49, set. 2001. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932001000300006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932001000300006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 27 ago. 2015.
- FACHINNI, R.; SIMÕES, J. de A. *Sexualidade: dimensão conceitual, diversidade, discriminação*. Rio de Janeiro: CLAM, 2006.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. *Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível*. Londrina, Pr: EDUEL, 2006.
- UNESCO. Coletivo. *Inocência em perigo: abuso sexual de crianças, pornografia infantil e pedofilia na internet*. Rio de Janeiro: Garamond. 1999.
- KAHHALE, E. M. S. P. Orientação sexual na adolescência. In: BOCK, M. B. (org.) *Psicologia e o compromisso social*. São Paulo: Cortez, 2009. p. 185.
- KINSEY, A. *Sexual behavior in the human male*. Filadélfia: W. B. Saunders, 1948.
- LINS, R N. *A cama na rede*. Rio de Janeiro: Editora Best Seller. 2010.
- MAIA, A. C. B.; EIDT, N. M.; TERRA, B. M.; MAIA, G. L. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 17, n.1, p. 151-156, 2012.
- MARIUSSI, E. R. *Educação sexual começa em casa*. Maringá, PR: Clichetec, 2010.
- PICAZIO, C. *Sexo secreto: temas polêmicos da sexualidade*. São Paulo: Summus, 1998.
- PIÉRON, H. *Dicionário de psicologia*. Rio de Janeiro: Globo, 1987.
- SILVA, T. T. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2005.
- SOARES, J. L. *Sexo: guia completo e ilustrado para mulheres*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001. p. 153, 159
- SOUZA, C. C. *A clínica que se vive: reflexões sobre a prática da Psicologia clínica na contemporaneidade*. 2007. 103 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia, Sociedade e Qualidade de Vida) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.